

Olhares de iniciante.¹

BORGES, Marilene A F.
PUC/SP – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo.
Professora Assistente do Curso de Pedagogia – UFT
marilene@uft.edu.br

Rei Arthur se dirigindo ao forasteiro:

“__Aqui todas as vidas são preciosas, mesmo a dos forasteiros. Se morrer, morra servindo algo maior que a si mesmo. Melhor ainda, viva... e sirva”.

Rei Arthur caminha até a porta, a guarda abre-a e adentrando a um salão imenso o Rei diz:

“__Esta é a Távola Redonda. É aqui que o Conselho Supremo se reúne. Não tem cabeceira, nem ponta, todos são iguais, até o Rei”.

Lancelot debruça-se sobre a imensa mesa e lê a insígnia ali talhada
“Servindo um ao outro, nos tornamos livres”.

O Rei então diz:

“__Essa é a filosofia de Camelot, não as pedras, madeiras, torres e palácios. Queimem tudo e Camelot continua. Por que vive dentro de nós. É uma crença que temos em nossos corações.”

Meio que forasteira queria conhecer melhor Camelot, digo a Interdisciplinaridade, um reino que se estendia para além das fronteiras, que não se circunscrevia aos limites de uma Universidade, de uma região, de um país.

¹ Texto produzido na Disciplina, Interdisciplinaridade – 2006/1. Professora: Dr^a Ivani Fazenda.
Programa de Pós-Graduação Educação e Currículo – PUC - SP

Por onde andei, passei, ouvi dizer, tentei compreender, estudei sozinha, mas o que eu lia nem sempre correspondia à prática daqueles que se diziam iniciados. Queria mais. A interdisciplinaridade não podia ser só aquilo que via nas práticas ditas interdisciplinares; havia algo maior, que eu não entendia.

Os meus sonhos de educadora impeliavam-me à aventura da busca. Saí do Tocantins para a PUC de São Paulo. A oportunidade perseguida surgira, tornara-se ao alcance das mãos. Teria oportunidade de conhecer, ver, ouvir, sentir de perto a teoria e a prática daqueles que a estudavam por muitos e muitos anos, que viram-na nascer, crescer e alargar suas fronteiras para abrigar outras dimensões até então não pensadas, mas vividas.

Em março de 2006, matriculada na disciplina – Interdisciplinaridade, procurei a sala de aula. Quando lá cheguei haviam três pessoas; eu era a quarta. Com o coração descompassado cumprimentei a professora e disse-lhe da minha satisfação de ser sua aluna. Queria ter dito mais mas, se surpreendida, a minha face corada denunciaria a minha timidez. Há muito que esperara por esse tempo. Outros chegaram. O abraço forte, a mim dado se estendia à todos, como num ritual de chegada. A Távola ia se formando com a chegada dos iniciados e dos iniciantes. Um clima bom, assim meio que sem explicação, envolvia todos, o rever, o sentir o outro, era externado no gesto, no olhar, no beijo, no carinho do abraço afetuoso. Ali não havia um lugar privilegiado para o Rei, todos se

sentavam à grande mesa da interdisciplinaridade. No entanto, ciente da grandeza, do rigor no trato com o conhecimento científico, imbuída do compromisso, a professora expunha a todos a responsabilidade do estudo, principalmente para os iniciantes de diferentes origens, ali enviados pelos seus orientadores. A proposta era trabalhar os fundamentos teóricos e metodológicos, e em que medida os trabalhos publicados seriam estimulantes para repensarmos o nosso. Como iniciante, não entendia muita coisa que parecia tão familiar aos que ali estava há muitos anos, porém sentia-me confortável, pois a compreensão para os meus limites era externada na fala encorajadora dos iniciados, ora na colocação de um, ora na pergunta do outro...

Os Encontros das manhãs de quarta-feira me permitiram e permitem entender um pouco mais sobre a interdisciplinaridade, porém ainda são muitos os conceitos com os quais só tenho o senso comum. O desafio era imenso... Como poderia escrever quinze páginas sobre interdisciplinaridade se tão poucos conhecimentos tenho? Como participar de um trabalho na Fenomenologia a partir dos estudos de Paul Ricoeur, ou de História de Vida alicerçado em Pineau, ou ainda a Nova Ciências tendo por base as publicações daquele que foi precursor dos estudos da Inter no Brasil, o professor Japiassu, se tão pouco tenho para contribuir com meus colegas? E metáfora, como encontrá-la? E os poços de captura, fugas desejanter de Gauthier? Como encher o poço e depois fazer o caminho de volta

para sair de forma transcendente no final. E amor o oceânico de Barbier? A transdisciplinaridade de Gaston Pineau? Os textos que serão discutidos no ENDIPE? Como estabelecer uma crítica numa área que conheço tão pouco? Um dia, quando todos já tiverem feito e não sobrar mais ninguém vou ter que fazer a ata, como dizer não? Mas, e a poesia, a graça com que elas vem sendo tecidas ...ninguém vai ter paciência para ler o que escrevo... Quem sabe, em parceria com algum iniciado... Como encontrar minha estética e minha ética interior para projetá-las numa dimensão transcendente permitindo-me atitudes interdisciplinares? Como poderia o uso das tecnologias da informação e da comunicação ser objetos de uma pesquisa interdisciplinar?

A certeza que se firmava para mim era única: só estudando muito para, quem sabe, um dia poder sentar-me à mesa como um Sir. Era preciso estudar e desvendar. Quais seriam então os saberes necessários para o trabalho interdisciplinar?

Era preciso conhecer o reino...

De acordo com Fazenda (2003) o termo interdisciplinaridade começou a ser utilizado na Grécia antiga. Os estudos de Lenoir (2005) apontam a presença da interdisciplinaridade na formação dos sistemas das disciplinas científicas desde o século XVIII, no entanto, é considerada do ponto de vista histórico, contemporânea, ainda mais recente, no campo da educação. Hoje o termo interdisciplinaridade atravessou fronteiras e está presente em várias partes do mundo,

com significado semelhante. Adverte-nos porém, sobre a polissemia do termo, que pode ser esvaziado na sua essência.

Os estudos realizados por Fazenda (1994) sobre a disciplinaridade, a intencionalidade do seu papel nas estruturas curriculares do ensino fundamental, permitiram compreender que interdisciplinaridade era muito mais que uma simples integração de conteúdos. Num trabalho interdisciplinar havia uma relação de reciprocidade, “de interação que pode propiciar o diálogo entre os diferentes conteúdos desde que haja uma intersubjetividade presente nos sujeitos” p.48. Reafirma a importância do diálogo como “única condição possível de eliminação das barreiras entre as disciplinas” (2003. p.50).

A pesquisa avança, a interdisciplinaridade se divide no seu núcleo tendo em vista a intensificação dos campos de pesquisa.

Sommerman (2006), ao explicitar o desdobramento sobre interdisciplinaridade, aponta três tipos ou graus tendo em vista suas especificidades: interdisciplinaridade pluridisciplinar, a interdisciplinaridade forte e a interdisciplinaridade transdisciplinar. A interdisciplinaridade pluridisciplinar, também denominada de centrífuga, ou interdisciplinaridade fraca, se evidencia quando há transferência de métodos de uma disciplina para a outra, ou seja, quando as equipes multidisciplinares se atêm à transferência de métodos; a interdisciplinaridade forte – a ênfase é dada ao sujeito e às trocas intersubjetivas - também conhecida como centrípeta. O foco

não está na transferência de métodos, mas sim de conceitos e se evidencia quando especialistas não se limitam a instruir outras pessoas, mas também a receber instruções, onde há um autêntico diálogo realizado através das trocas intersubjetivas dos diferentes especialistas, "onde cada um reconhece em si mesmo e nos outros não só os saberes teóricos, mas os saberes práticos e os saberes existenciais".64; um terceiro tipo denominado de interdisciplinaridade transdisciplinar, que emerge quando nas equipes multidisciplinares estiver presente "uma modelização nova para a compreensão de fenômenos"p.64 (Le Moigne, 2002, apud Sommerman (2006) e houver diálogo com os conhecimentos ditos não científicos com diferentes níveis de sujeito e da realidade. Resguarda, entretanto que na há fronteiras delimitadas, rígidas para um ou outro tipo, pois há sempre algo de novo neles, além de poder surgir um outro.

De acordo Lenoir (2005), o conceito de interdisciplinaridade no seio da universidade vem sendo trabalhado em três eixos; três lógicas distintas da interdisciplinaridade segundo perspectivas diferentes, que testemunham a existência de concepções teóricas diversas da interdisciplinaridade em educação; concepções não excludentes, mas que se complementam na suas tessituras. Num primeiro eixo, o questionamento se dá na exploração das "fronteiras das disciplinas científicas e suas zonas intermediárias, num cuidado em organizar os saberes científicos" (p.6) e em evitar a sua fracionalização. Uma concepção francesa onde a "preocupação central

é a da pesquisa do sentido, da conceitualização, da compreensão que permite aos saberes interdisciplinares. A relação com o saber disciplinar está no centro do processo interdisciplinar” (p.10); um segundo eixo se dá no questionamento social para “colocar o problema do sentido da presença do ser humano no mundo e para tentar integrar os saberes disciplinares em função de um processo de apreensão de um real em mutação e de resolução dos problemas de mundo contemporâneo” uma concepção mais americana, centrada nas questões sociais empíricas, na atividade instrumental que tem por questionamento principal a funcionalidade; e um terceiro eixo que se refere mais à ação, onde a interdisciplinaridade centra-se na pessoa, na qualidade de ser humano e no seu agir. Uma concepção brasileira que tem como grande expressão os trabalhos da professora Ivani Fazenda. Ela criou uma metodologia de trabalho que se apóia na análise introspectiva realizada pelos professores de suas práticas cotidianas. Uma abordagem fenomenológica que destaca a intencionalidade, a necessidade do autoconhecimento, da intersubjetividade e do diálogo, centrados no saber ser, cujo sentido se faz no desvelamento de si mesmo, pelo estudo dos objetos inteligíveis e nas atitudes reflexivas sobre o seu modo de agir.

As portas se abrem, o Rei e os cavaleiros entram no imenso salão, tomam seus lugares na grande Távola e o círculo de espadas vai sendo formado na medida em que cada um deles deposita a sua . No centro da grande mesa as labaredas de fogo (penso que, além de

iluminar, aquece de sabedoria) crepitavam dando um colorido especial ao ambiente. Um lugar está vazio...

O rei pronuncia:

"___que Deus nos dê sabedoria para descobrir o certo, vontade para escolhê-lo e força para fazê-lo durar".

Todos se assentam....

Os trabalhos de Ivani Fazenda realizados junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinares (GEPI) - PUC – SP – Pós-graduação em Educação- Currículo filiado ao CNPQ e outros organismos internacionais sob sua orientação, tem publicado centenas de pesquisas entre mestrados, doutorados ou projetos de intervenção. Trabalhos que situam-se no campo da interdisciplinaridade forte e se apóiam em três pilares metodológicos: a teoria da complexidade, diferentes níveis de realidade e a lógica do terceiro incluído. São trabalhos que buscam explicitar o sentido do ser, onde as intervenções do cotidiano escolar são as bases do questionamento, registrar o observado no cotidiano do educador. Pesquisas que nascem do desafio de educadores comprometidos e que se propõem a pesquisar suas próprias histórias vividas no cotidiano, onde "educar na interdisciplinaridade pressupõe um compromisso existencial com a partilha, sem ela, nada tem sentido" (p.60). Trabalhos que não se intimidaram e nem se intimidam ao denunciar o descaso das políticas públicas do sistema educacional brasileiro; que denunciam o sucateamento e também anunciam a

sobrevivência heróica de uma profissão - professor; que faz da História de Vida, o renascer de outras tantas vidas vividas profissionalmente, que não só promovem a auto-estima do pesquisador, mas de todos os que ali se vêem refletidos; que externaliza a preocupação com uma escola sem encantos, despojada de emoções, sem poesia, desprovida de amor; que aponta alternativas para uma educação comprometida com a cidadania. Pesquisas que não se esgotam nas suas leituras, mas que tem contribuído para o redimensionamento de práticas e teorias daqueles que nos distintos níveis de ensino acreditam num trabalho a favor de uma educação mais eficaz e que sonham com uma sociedade mais justa. O GEPI, um grupo calcado na realidade e no sonho, um espaço sempre aberto (um lugar a ser preenchido) por todos que, no refletir de suas práticas e no desapego aos seus achados possam contribuir para uma reflexão genuinamente nossa, brasileira.

Para ela a participação do educador na construção de uma política educacional é fundamental, pois a interdisciplinaridade no ensino, enquanto proposta, exige a sua participação.

“É preciso reconduzir a educação ao seu verdadeiro papel na formação do cidadão...reconduzir o professor à sua dignidade de cidadão que age e decide, pois é na ação desse professor que se encontra a possibilidade da redefinição de novos pressupostos teóricos em Educação” (2003 p.65)

Ao descrever os seis fundamentos para a compreensão de uma prática docente interdisciplinar, Fazenda (2003) aponta a sala de aula como o lugar onde a interdisciplinaridade habita. Um espaço

coletivo, de um grupo, onde o professor exerce uma autoridade alicerçada na conquista, onde a alegria, a satisfação, a humildade, a cooperação, a generalidade, o grupo heterogêneo, a produção do conhecimento se faz presente, e se renova a cada encontro. Onde um ritual de início, meio e fim promove a consolidação de um grupo à medida que o parceiro vê no outro, a extensão de si mesmo, resguardando-lhe, no entanto a sua autonomia, o seu modo de ser, de agir, de pensar, respeitando a individualidade que lhe é devida. A teoria e prática se articulam, a interdisciplinaridade é vivida em nossos encontros das quartas-feiras.

Assim ela define a interdisciplinaridade:

“é mais que o sintoma de emanções de uma nova tendência em nossa civilização. É o signo das preferências pela decisão informada, apoiada em visões tecnicamente fundadas, no desejo de decidir a partir de cenários construídos sobre conhecimentos precisos.”p.75

O Rei diz:

“___ O que ofereço não é uma vida de privilégios, é uma vida de serviço e se a quiser é sua de todo coração”.

Fazenda (2006), ao referir-se à pesquisa/ação/formação como um campo importante nas investigações sobre educação, aponta Histórias de Vida que (Pineau apud Fazenda 2006) define “como pesquisa e construção de sentido, ampliando não apenas o espaço da grafia, mas o da palavra, da comunicação oral, da vida” (p.5). Estendendo também a outras formas de expressão como a fotografia, a tela, o teatro, o rádio, o vídeo, o cinema, a televisão e a

internet. São formas de investigação que possibilitam “a teorização e categorização das práticas empíricas, mas a articulação dialética das duas polaridades não excludentes – prática e teoria.” (p.5). Segundo ela a pesquisa interdisciplinar:

“nasce de uma vontade construída. Seu nascimento não é rápido, exige uma gestação prolongada, uma gestação em que o pesquisador se aninha no útero de uma nova forma de conhecimento – a do conhecimento vivenciado e não apenas refletido de um conhecimento percebido e não apenas pensado”. (2003. p.6)

Nessa perspectiva as pesquisas realizadas são frutos de reflexões intersubjetivas de experiências vividas, das marcas eternizadas na profissão que requerem, implícita ou explicitamente, explicações e, nesse processo, o pesquisador “vai adquirindo a percepção de sua própria interdisciplinaridade, melhor dizendo, de sua singular atitude frente ao contexto” (2006, p.6). Ao assumir-se pesquisador, passa a estudar, questionar as teorias sobre educação existentes e, ao explicitá-las, utilizá-las para iluminar a pesquisa, ele vai teorizando a partir de sua prática intensamente vivida. Um processo desafiante que exige do pesquisador a superação de inúmeros e múltiplos desafios dentre os quais Fazenda (2006) aponta:

“vencer as amarras pessoais, deixar o peito aberto para que flua dele toda a emoção que a ação praticada provocou... exige uma adesão irrestrita ao processo de desvelamento da prática, exige o rompimento com estereótipos adquiridos no passado, rompimento às descrições padronizadas, exige a descoberta enfim do símbolo que gestou e sustentou toda a prática vivida, ...exige o compromisso com o desvelamento de uma ética própria que determina seu próprio modo de ser – o que o marca, o distingue, o personaliza como ser único, habitante e construtor de uma forma própria de educar”. (p. 7).

Ao apontar algumas características dos pesquisadores que fazem suas pesquisas a partir das Histórias de Vida, cita a alegria com que fazem seus trabalhos, pesquisadores que aceitam dividir suas próprias formas de perceber o mundo, de perceber os homens que têm sensibilidade suficiente para compreender o outro, de respeitá-lo, que aprende a “escutar os seus achados ainda não revelados (nem muitas vezes a si mesmos ...)” (2003. p.14), que abastecem-se de conhecimento como uma condição primeira para:

“...habitar o interior das escolas descobrindo seus segredos. Sem esse preliminar exercício será impossível sentir o pulsar da vida de uma sala de aula, muito menos ensaiar respostas quanto impossível formular perguntas. Argumentar, nem pensar, pois o argumento requer disciplina e estudos constantes porque a sabedoria ensina que o conhecimento se transforma ininterruptamente” (2006. p.6)

As múltiplas possibilidades criadas a partir das tecnologias da informação e da comunicação, de forma especial a internet, possibilitaram uma nova forma de comunicação entre pares que permitiu uma nova forma trabalho em equipe, em rede, possibilitando aos seus componentes produzir, pesquisar, estudar fornecer serviços independentes de suas localizações geográficas. Abriu novos campos de trabalhos exigindo um profissional capaz de dar conta dos avanços e desafios propostos pela contemporaneidade. Por não poder desconsiderar suas presenças nos mais diversos setores econômicos e sociais, inúmeras discussões vem sendo realizadas tanto dentro quanto fora da academia, como por exemplo no mundo do trabalho. Bianchetti (2006), numa abordagem sobre o tema, relaciona algumas

exigências impostas a trabalhadores e dirigentes para as suas inclusão e/ou permanências no mercado de trabalho:

“Mas sem dúvida nenhuma, a mudança de maior impacto relaciona-se às exigências de trabalhadores e dirigentes que, em termos atitudinais e comportamentais, estejam sempre predispostos a mudanças, sejam comunicativos, saibam trabalhar em equipe e sejam flexíveis, estejam sempre abertos às transformações tecnológicas e organizacionais que as empresas precisem implementar.”p.10

Estabelece uma discussão focando a interdisciplinaridade como indispensável para a assimilação teórico-prática de um trabalhador ideal. O que se questiona, no entanto, é se deveria a academia trabalhar a interdisciplinaridade direcionada às exigências de um mercado?

Se o impacto das novas mídias dentro e fora da academia potencializou essa discussão; que caminhos percorrer para formar não só o profissional, mas também o cidadão?

Lancelot diz:

“___ aqui entre vocês encontrei algo que desejo mais que a liberdade. Não sei que vida viverei, mas sofreria se os deixasse.”

Conclusão

Assim como Camelot vive em todos os habitantes do reino, a interdisciplinaridade está em nosso modo de ser, pertencer e fazer interdisciplinaridade. É preciso, no entanto, optar pela sua existência, vivenciá-la, promovê-la, pois, eternizada em nossas memórias e em nossos corações está a presença de uma Távola que se multiplica em outras tantas espelhadas na grandeza da vivência de uma Távola mãe. Távolas que terão sempre um assento a ser preenchido e um

eternamente ocupado, ainda que na lembrança, pela Professora Ivani Fazenda.

Bibliografia:

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003.

_____. Cartas aberta aos professores que desejam se transformar.

In: FAZENDA, I. (Org.). *Interdisciplinaridade na educação brasileira 20 anos*. São Paulo: Criarp, 2006.

_____. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. 13ª Edição. 2006.

_____. *A formação do professor pesquisador – 30 anos de pesquisa*.

Revista E-Curriculum, São Paulo, v 1, n. 1, disponível em:

<http://www.pucsp.br/ecurriculum> acessado em 10/03/2006.

GAUTHIER, J, Z. *A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisa qualitativa: o aporte da sociopoética*. In: *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. Jan/abril . 2004

LENOIR, Yves. *Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em*

educação em função de três tradições culturais distintas. *Revista E-*

Curriculum, São Paulo, v 1, n. 1, disponível em:

<http://www.pucsp.br/ecurriculum> acessado em 10/03/2006

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade? da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes*. São Paulo: Paulus, 2006.

PRADO, Fernando L. Ata do Encontro do dia 29/03/06

SILVA, Maurina, P, G. Ata do Encontro do dia 15/03/06

VILCHES, Manolo P. Ata do Encontro do dia 22/03/06

Filme: Lancelot, o primeiro cavaleiro. (1994)